

# A BATALHA

Redacção, Administração Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Imprensa e Estereotípia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras...  
...Não se devolvem os originais... Dos artigos  
publicados não respondemos os seus autores.

Domingo, 6 DE DEZEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2152

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS M. VILA CELA  
Proprietário da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Interacional  
dos Trabalhadores  
Destinatário: Inclui-se o envelope com o número  
1923, mês 9/50; Província, 3 mês 28/50.  
África Portuguesa, 6 mês 70/50; Espanha, 5 mês 10/50.

Todos os operários conscientes devem auxiliar monetariamente os corticeiros na sua luta

## A última faria dos ditadores de Espanha

A Espanha fechou as suas portas e janelas ao mundo. Não quer que se saiba o que, dentro dela, se passa, a não ser através das versões dimanadas de Primo de Rivera que tudo ocultam e tudo deturpam. Se bebe com mais rapidez o que se passa na China longínqua do que na Espanha fronteiriça.

A ditadura militar deitou as garras ao telegógrafo e impediu-o de comunicar pela Europa. De modo que só tarde, demasiado tarde, se sabe o que se passa no país dos padres, dos militares e dos jesuítas.

A que obedeceria esta última farça do rei Afonso XIII? Adivinha-se, e adivinhava-se através de factos ainda mal conhecidos, que existe em Espanha uma forte corrente de opinião inimiga da actual situação e que deseja, e ardenteamente, acabar com a opressão estabelecida por jesuítas e mantida por espadas que se amolgaram em Marrocos.

Essa corrente de opinião não possui nenhum meio legal de se manifestar. Não sabe completamente o que se passa em Espanha porque a nenhum espanhol assiste o direito de pensar em voz alta. A imprensa está sufocada, a censura que sobre a incide é pesada e opressiva.

E' ainda hoje proibida a narração, ainda que sem comentários, de qualquer facto, mesmo insignificante, desde que ele desprestigue os ditadores, e o direito de reunião continua coartado.

A farça ultimamente representada por Afonso XIII e pelos generais demonstra que se recuo, cedendo-se na aparência, para não se ceder de facto. O Directório estava condenado, e irremediavelmente, pela opinião pública. O rei deixa aberto o Directório e nomeia em seu lugar um ministro. Pega nos membros do Directório e forma com elas o ministério.

Para que o que se chama ministério ficasse igual ao que se chama Directório não bastou terem ficado os mesmos homens, atribuindo-lhes os mesmos poderes despcionais. A normalidade constitucional continuará abolida, mantida a censura à imprensa, suprimidas todas as garantias individuais.

Sintetizando: a mesma situação, com os mesmos homens, mas com róulos diferentes. A ditadura prossegue, supondo os dementados que a dirigem que ela se fortalece, evitando um golpe fatal só porque se fizeram umas modificações aparentes.

Ficaram contentes os que em Espanha são contrários à ditadura com a transigência aparente de Afonso XIII? Pelo contrário. A indignação redobrou e justificadamente. Ninguém se podia contentar com uma mistificação tão grosseira. Ninguém admite que se cometa semelhante zombaria. A mentalidade contemporânea não é a mentalidade medieva.

A luta que se travou em Espanha não gira em torno de subtletas bissantinas. Não se trata de adorar ou odiar abstracções, não se faz mera questão de termos. Que importa que a ditadura se intitule Directório ou se denomine Ministério. A luta que está travada é entre a liberdade e a ditadura. A luta só acaba quando os generais recolham às casernas e a ditadura cesse definitivamente.

A transigência aparente é uma infâmia que só podia ter partido de criaturas enlameadas, sem inteligência e sem nenhuma visão política.

Não se salva uma podridão deste modo, não consegue curdurar uma tirania quando os tiranos fazem momices de arlequim de circo.

A monarquia espanhola está sofrendo do isolamento. Pior do que os clamores indignados da opinião é o silêncio que se impõe a um país. A livre expressão do pensamento é a eterna inimiga dos despotas. Suprimi-la seria suprimir um perigo, se porventura fosse possível, embora à custa das maiores violências e das maiores infâmias, impedir um povo de pensar. O ditador consegue apenas, e transitória, amordaçar o pensamento. Mas amordaçar não é suprimir. E o povo não pode estar eternamente amordaçado. Desde que comprehende que para viver só tem um caminho: a revolta, envereda por ele ousadamente. E triunfa, triunfa levando adiante de si os despotas, acobardados e vencidos... L.

E. F.

## Rendimentos dos operários

NEW-YORK, 5.—A explosão dum lâmina de mineiro originou um forte desastre numa mina de Boulder, no Colorado, de que resultaram 40 mineiros mais ou menos feridos.

BERLIM, 5.—Uma forte explosão numa fábrica de Neusenburg causou três mortos e vários feridos.—L.

## ENQUANTO OS SALÁRIOS DESCDEM...

### Como se faz fortuna

Os salários, os magrissimos salários dos trabalhadores estão sob a ameaça constante de sofrerem graves amputações, isto é, estão na contingência de se sujeitarem a uma operação financeira.

Muito a escrupulo, uns, descaradamente outros, muitos industriais e comerciantes agitam o fantasma do desemprego, e alcançam que os seus assalariados redobrem de trabalho, façam serões, substituam colegas despedidos, para que não sofram um corte, a tal operação, nos seus vencimentos.

A par dessa miserável especulação a lado desta miséria, desta vileza, aparecem uns cavalheiros, apetrechados de finíssimas teorias económicas, pretendendo justificar a grande patifaria.

Claro que até hoje ainda não houve uma clara razão que perguntassem a esses cavalheiros, autênticos cavalheiros de indústria, como vivem, como conseguem eles vencer as tremendas horas de angústia, quando se aproxima o momento de um pagamento que já vem avançando sobre o anterior que não foi possível satisfazer.

Ainda ninguém se preocupou saber como conseguem equilibrar a sua vida, esses teóricos senhores, que entendem que os trabalhadores, podem e devem, por dever patriótico, exigir de mãos postas a redução dos salários.

Como é que a elas lhes chega o dinheiro, como conseguem obtê-lo, como aparecem gastando à larga e afirmando insolências sobre os que lutam, os que sofrem?

Evidentemente, não trabalhando. E quem não trabalha—pode permitir-se a infâmia de defender o corte no salário dos trabalhadores.

Mas não trabalhando como conseguem esses cavalheiros viver?

Do fundo das minas, junto à boca das fornais, ou enterrados no lodo dos patões, os trabalhadores, que não compreendem a vida sem o trabalho, que não sabem dissidir, remontando as fontes desta guerra moderna, atribuímos imparcialmente a responsabilidade a todos os grandes estados capitalistas: a todos somos excluídos.

Basta citar, a este respeito, uma passagem da ordem do dia que foi aprovada pelo Conselho Geral da União Sindical Italiana na sua sessão de 14-15 de Setembro de 1914—isto é, pouco mais de um mês depois do começo da guerra europeia—para redigir a nosso primeiro e nunca mudado juízo acerca da responsabilidade dos estados: a todos somos excluídos.

O Conselho Geral da I. S. I., considera o imenso conflito europeu como a consequência lógica da política imperialista dos grandes Estados tendente à sua respectiva hegemonia político-militar na Europa para assegurar a hegemonia económica no mundo, à custa do esmagamento, com a mais brutal e ignominiosa violência militar, da autonomia nacional dos povos meios fortes.

A nossa aversão à intervenção da Itália na guerra, depois da premissa prejudicial, era lógica e inevitável, e em tal sentido termina a longa ordem do dia aprovada.

Mas os perspicazes, os inteligentes não éramos nós. Não, eram os intervencionistas que pontificavam naquele tempo, na política estrangeira, na sabia diplomacia, na ciência de guerra... revolucionária, etc., como outros tantos Napoleões. O bom senso proletário, a lógica de classe revolucionária, que brotam das ideias sociais profissionais e da longa experiência da vida dos oprimidos, não valiam nada. Eram, para os novos estratégicos da guerra, leituras mal digeridas de opúsculos de quatro "soldos". E escarneciam-nos pelas nossas afirmações que tinham o valor de ser simples, claras, "laplácianas", e sobretudo, compreendidas e partilhadas pela grande maioria do povo italiano: povo de trabalhadores.

A riqueza dos grandes potentados, dos que manejam o Parlamento, dos que fazem a lei, dos que dominam o Estado, daqueles que são, enfim, a própria lei, o próprio Estado, é um facto consumado há séculos, e contra ele que todos nós nos revoltamos.

Esses potentados, aparentemente imóveis, como coisas eternamente estavam, apoiados pelo Estado e pela Religião, escudados na lei, protegidos com a divindade, mascararam habilíssimamente a sua existência de corários, de corvos, porque nunca aparecem frente a frente, como indivíduos, mas sim como instituições...

Mas há os que não mascaram, os que não se encobrem na lei, os que não mobilizam princípios instituições. Há os que roubam, mas roubam positivamente, descaradamente, os que sugar a nossa existência contra a própria lei, levando uma vida de autênticos bandoleiros, em crimes punidos, previstos pelo próprio código.

Lisboa está cheia destes pequenos bandoleiros, destes autênticos piratas, mil vezes mais terríveis que o Estado, o código, a lei.

Poulam, saltitam à nossa volta, como nuvens de mosquitos, num terreno pantanoso.

A sua existência é a maior condenação da época que atravessamos, porque nos revela uma época de espantosa podridão.

A vida de fortunas, esses parasitas procuram por todas as formas obter dinheiro, e então dedicam-se, às claras, a toda a espécie de infamias.

O custo da habitação está caro, mas atinge ponto a lei finge que regula as relações entre senhorios e inquilinos. A exploração não tem o franco aspecto do roubo. Mas os talas parasitas vão além da lei, inventando-as, fazendo-as surgir, como num conto fabuloso de ladrões, da maneira mais fantástica que imaginá-se possa. De uma sala improvisada quartos, para cinco pessoas. De um sótão fazem moradias para seis famílias, de um vão de escada conseguem arranjar dormitório para dois e três desgraçados.

São esses vampiros que mais de perto nos sugarão. E' positivamente com o nosso sangue que elos vivem. Como a vida é impossível com o aumento dos défices, vem a necessidade do empréstimo, e afim os mesmos canalhas exercendo uma espantosa usura, que amordoa a vida da grande maioria da população da cidade.

Lisboa está nas garras dessa quadrilha, que lhe rouba os baveres, o pão, o sangue, na infamíssima ladroeira dos juros.

Negoceiam em tudo, destes tratantes, até à proximidade das virgens, arrancadas à proximidade, num verdadeiro tráfic de negreiros da pior espécie. Há vampiros, há miseráveis que acumulam todos estes abjectos negócios.

Roubam desgraçados provincianos, a quem prometem fortunas ganhas na burla da emigração; mantêm rias inteiras com quartos sub-alugados; casas onde se exerce a espantosa indústria do amor, e emprestam dinheiro a juros impossíveis.

Pois só quasi sempre estes patifes que mais advogam a baixa dos salários dos trabalhadores.

E. F.

## Rendimentos dos operários

NEW-YORK, 5.—A explosão dum lâmina de mineiro originou um forte desastre numa mina de Boulder, no Colorado, de que resultaram 40 mineiros mais ou menos feridos.

BERLIM, 5.—Uma forte explosão numa fábrica de Neusenburg causou três mortos e vários feridos.—L.

## ENQUANTO OS SALÁRIOS DESCDEM...

### Como se faz fortuna

Os salários, os magrissimos salários dos trabalhadores estão sob a ameaça constante de sofrerem graves amputações, isto é, estão na contingência de se sujeitarem a uma operação financeira.

Muito a escrupulo, uns, descaradamente outros, muitos industriais e comerciantes agitam o fantasma do desemprego, e alcançam que os seus assalariados redobrem de trabalho, façam serões, substituam colegas despedidos, para que não sofram um corte, a tal operação, nos seus vencimentos.

A par dessa miserável especulação a lado desta miséria, desta vileza, aparecem uns cavalheiros, apetrechados de finíssimas teorias económicas, pretendendo justificar a grande patifaria.

Claro que até hoje ainda não houve uma clara razão que perguntassem a esses cavalheiros, autênticos cavalheiros de indústria, como vivem, como conseguem eles vencer as tremendas horas de angústia, quando se aproxima o momento de um pagamento que já vem avançando sobre o anterior que não foi possível satisfazer.

Ainda ninguém se preocupou saber como conseguem equilibrar a sua vida, esses teóricos senhores, que entendem que os trabalhadores, podem e devem, por dever patriótico, exigir de mãos postas a redução dos salários.

Como é que a elas lhes chega o dinheiro, como conseguem obtê-lo, como aparecem gastando à larga e afirmando insolências sobre os que lutam, os que sofrem?

Evidentemente, não trabalhando. E quem não trabalha—pode permitir-se a infâmia de defender o corte no salário dos trabalhadores.

Mas não trabalhando como conseguem esses cavalheiros viver?

Do fundo das minas, junto à boca das fornais, ou enterrados no lodo dos patões, os trabalhadores, que não compreendem a vida sem o trabalho, que não sabem dissidir, remontando as fontes desta guerra moderna, atribuímos imparcialmente a responsabilidade a todos os grandes estados capitalistas: a todos somos excluídos.

Basta citar, a este respeito, uma passagem da ordem do dia que foi aprovada pelo Conselho Geral da União Sindical Italiana na sua sessão de 14-15 de Setembro de 1914—isto é, pouco mais de um mês depois do começo da guerra europeia—para redigir a nosso primeiro e nunca mudado juízo acerca da responsabilidade dos estados: a todos somos excluídos.

O Conselho Geral da I. S. I., considera o imenso conflito europeu como a consequência lógica da política imperialista dos grandes Estados tendente à sua respectiva hegemonia político-militar na Europa para assegurar a hegemonia económica no mundo, à custa do esmagamento, com a mais brutal e ignominiosa violência militar, da autonomia nacional dos povos meios fortes.

A nossa aversão à intervenção da Itália na guerra, depois da premissa prejudicial, era lógica e inevitável, e em tal sentido termina a longa ordem do dia aprovada.

Mas os perspicazes, os inteligentes não éramos nós. Não, eram os intervencionistas que pontificavam naquele tempo, na política estrangeira, na sabia diplomacia, na ciência de guerra... revolucionária, etc., como outros tantos Napoleões. O bom senso proletário, a lógica de classe revolucionária, que brotam das ideias sociais profissionais e da longa experiência da vida dos oprimidos, não valiam nada. Eram, para os novos estratégicos da guerra, leituras mal digeridas de opúsculos de quatro "soldos". E escarneciam-nos pelas nossas afirmações que tinham o valor de ser simples, claras, "laplácianas", e sobretudo, compreendidas e partilhadas pela grande maioria do povo italiano: povo de trabalhadores.

A riqueza dos grandes potentados, dos que manejam o Parlamento, dos que fazem a lei, dos que dominam o Estado, daqueles que são, enfim, a própria lei, o próprio Estado, é um facto consumado há séculos, e contra ele que todos nós nos revoltamos.

Esses potentados, aparentemente imóveis, como coisas eternamente estavam, apoiados pelo Estado e pela Religião, escudados na lei, protegidos com a divindade, mascararam habilíssimamente a sua existência de corários, de corvos, porque nunca aparecem frente a frente, como indivíduos, mas sim como instituições...

Mas há os que não mascaram, os que não se encobrem na lei, os que não mobilizam princípios instituições. Há os que roubam, mas roubam positivamente, descaradamente, os que sugar a nossa existência contra a própria lei, levando uma vida de autênticos bandoleiros, em crimes punidos, previstos pelo próprio código.

Lisboa está cheia destes pequenos bandoleiros, destes autênticos piratas, mil vezes mais terríveis que o Estado, o código, a lei.

Poulam, saltitam à nossa volta, como nuvens de mosquitos, num terreno pantanoso.

A sua existência é a maior condenação da época que atravessamos, porque nos revela uma época de espantosa podridão.

A vida de fortunas, esses parasitas procuram por todas as formas obter dinheiro, e então dedicam-se, às claras, a toda a espécie de infamias.

O custo da habitação está caro, mas atinge ponto a lei finge que regula as relações entre senhorios e inquilinos. A exploração não tem o franco aspecto do roubo. Mas os talas parasitas vão além da lei, inventando-as, fazendo-as surgir, como num conto fabuloso de ladrões, da maneira mais fantástica que imaginá-se possa. De uma sala improvisada quartos, para cinco pessoas. De um sótão fazem moradias para seis famílias, de um vão de escada conseguem arranjar dormitório para dois e três desgraçados.

São esses vampiros que mais de perto nos sugarão. E' positivamente com o nosso sangue que elos vivem. Como a vida é impossível com o aumento dos défices, vem a necessidade do empréstimo, e afim os mesmos canalhas exercendo uma espantosa usura, que amordoa a vida da grande maioria da população da cidade.

Lisboa está nas garras dessa quadrilha, que lhe rouba os baveres, o pão, o sangue, na inf

# PERSEGUIÇÕES

Uma sessão de protesto no Sindicato dos Operários do Mobiliário

Com regular concorrência, realizou-se anteontem, na sede do Sindicato Mobiliário, uma sessão de protesto contra as prisões e deportações.

Falou em primeiro lugar o delegado da C. G. T., José Augusto, que censurou certos elementos que pretendem imiscuir-se entre os que protestam contra as arbitrariedades, a fim de servirem os seus interesses políticos, deturpando a natureza do protesto operário.

Falou depois Maria Viegas, mãe de um preso, que reclamou o julgamento dos perseguidos em Lisboa, onde abundam juízes e tribunais e exortou os operários a libertarem as vítimas, com a mesma energia que mostraram na escalação de Monsantos.

Virgilio de Sousa declarou que, sendo delegado do N. J. S. de Lisboa, não pode falar como tal porque a polícia não lhe permite. Contudo, alongou-se em considerações em volta das pronúnrias e manifestou o desejo de que o operariado acompanhe o movimento que a C. G. T. pretende desenvolver.

Alexandre Assis recordou os protestos dos republicanos, no tempo da monarquia, contra a lei de 13 de Fevereiro, que ainda assim os mandava submeter a julgamento, antes de serem deportados. A propósito, fez o confronto com as deportações feitas pela República, sem prévio julgamento, o que deve ser tomado como a mais expressiva afirmação de Democracia.

Daniel Rodrigues produziu considerações sobre a ação criminosa da burguesia, que persegue os que contra ela se levantam.

Jeronimo de Sousa disse não concordar com o platonismo dos protestos. Quer um protesto formidável que abale revolucionariamente, até aos alicerces, a sociedade burguesa, causa de tócas as injustiças.

Martins Grilo afirmou ser necessário agir em solidariedade, para que toda a ação se torne profíqua na libertação dos presos e no regresso dos deportados.

Finalmente, foi aprovada a seguinte moção:

Considerando a iniquidade que representam as deportações sem julgamento e a continuação de prisões de operários sem culpa formada;

Considerando que não só é anti-humana esta situação, como representa uma ilegalidade perante a própria constituição da república;

Considerando que o proletariado, possuído de sentimentos de justiça e liberdade, não pode permitir a continuação de tal iniquidade;

O proletariado de Lisboa, reunido a convite dos Sindicatos dos Manufactores de Calçado e Operários do Mobiliário, resolve manifestar a sua mais veemente repulsa contra a infâmia cometida por um governo democrático e permitida por outros que se lhe seguiram e afirma-se disposto a secundar qualquer movimento que seja lançado pela Câmara Sindical do Trabalho e C. G. T.

No final da sessão, efectuou-se uma «quete» para os presos por questões sociais que rendeu a quantia de 27\$10.

## Uma sessão no Sindicato Único da Construção Civil

Conforme determinação da Câmara Sindical do Trabalho, realizou-se na quinta-feira, no Salão da Construção Civil, uma sessão de protesto contra as deportações sem julgamento e prisão de operários sem culpa formada, que esteve bastante concorrida.

Falou Jaime Tiago pela C. S. T., dizendo ser preciso o operariado aproveitar todos os momentos para protestar contra os atentados à liberdade praticados pelas autoridades, exortando-o a ir em massa ao parlamento, não pedir mas exigir o regresso dos deportados. Ataca as campanhas políticas demonstrando as suas falcatrinas que ficam impunes.

Alberto Monteiro, pela comissão pró-regresso dos deportados, acentua mais uma vez que os povos têm os governos que rececem, deixando que a imprensa invente «legiões vermelhas» e descreve a monstruosidade das deportações que originou todas as pessas de espírito liberal manifestarem-se contra essa iniquidade, exortando o proletariado a corresponder ao apelo da C. S. T. no sentido de ir ao parlamento reclamar o regresso dos deportados.

No final foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1º. Protestar indignadamente contra tal desumanidade.

2º. Manifestar a todas as vítimas de reacção capitalista que sofrem neste momento as aguas do cativeiro imundo, e estão perdendo a saúde nas longínquas paragens africanas, os protestos da nossa mais franca e leal solidariedade.

3º. Dar o nosso sincero e incondicional apoio à manifestação que a Câmara Sindical do Trabalho vai realizar junto do parlamento no sentido de mais uma vez se reclamar o respeito absoluto pela lei e consequentemente, o imediato regresso à metrópole e a restituição à liberdade de todos os operários que, inocentes dos delitos que os acusam, se encontram abusivamente presos há seis meses sem culpa formada.

## Pessoal da Carris

Um numeroso grupo do pessoal da Carris, pensa realizar ainda dentro da próxima semana, no seu sindicato, uma sessão de protesto contra as deportações, faltando apenas remover algumas dificuldades que lhes opõem certas criaturas que costumam sempre entrar em quaisquer manifestações proletarianas, mesmo que — como no caso presente — vão ferir camaradas que já feridos são pela burguesia.

## Sobre a Rússia

E' hoje às 10 horas, em ponto que no salão da Escola-Orcina n.º 1, o largo da Graça, 58, o professor sr. César Porto realiza a sua anunciada conferência sobre a vida política e social da Rússia actual.

## Novidades literárias

### CAVLGADA DO SONHO

### E TERRAS DE FOGO

### DE —

### Júlio Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

# A BATALHA

# 'A Batalha' na província e arredores

## Portimão

A vénalidade dum mestre de obras e a cobardia das reacções camararias

PORTIMÃO, 4.—Temos nesta terra uns dos maiores perseguidores das classes operárias organizadas e em especial da construção civil.

O sr. José Diniz é mestre de obras da câmara municipal, pelo que devia andar a mandado dos vereadores, mas, infelizmente por covardia, por estupidez ou por interesse é ele que traz toda a vengeação preta pelo

A câmara transacta, que era democrática, dava ao verdadeiro tanto liberdade que chegou ao ponto de em obras suas empregadas materiais pertencentes à câmara, sendo as ditas obras feitas por pessoal da câmara e pagas pela mesma, como foi provado em plena sessão da vereação.

O que compõem a Câmara actual que não são do mesmo partido, chamavam-lhe drôes e pulhas aos democáraticos, porque davam tanta liberdade ao mestre de obras. Ganhas as eleições toda a gente julgava que o mestre de obras já não fosse dono da Câmara e que por isso não poderia seguir os operários da construção civil organizados.

Mas assim não sucedeu.

Os operários organizados têm ido pedir trabalho ao vereador sr. João Figueiras e este responde que não pode admitir mais ninguém, porque a Câmara não tem verba. No entanto, o Apolo, pela Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha a célebre peça «O Papá Lebonnard», em cuja representação, além destes artistas, toma parte a grande e actriz Adelina Abranches, sendo hoje a encenação o galante grupo das 7 Foz-Girls.

Tendo de realizar-se, no Nacional, esta

semana, a reprise da peça de Julio Dantas

«A Severa», ansiosamente aguardada pelo

público, é hoje o último domingo que se

representa a lindíssima comédia «As Duas Metades», cujo entrecho é de molde a encantar toda a gente, tendo-se feito demorar esta preciosidade no cartaz em virtude do seu grande sucesso e a pedido de muitas pessoas que ainda não tinham visto.

E' hoje o último domingo que se repre-

senta no Apolo, pela Companhia Berta de

Bivar-Alves da Cunha a célebre peça «O

Papá Lebonnard», em cuja representação,

além destes artistas, toma parte a grande e

actriz Adelina Abranches, sendo hoje a

peça mais popular e de maior êxito, prestes a sair de cena para se activar o repertório

desta Companhia.

Continua marcada para a próxima quin-

ta-feira, 10, a festa artística do actor José

Alves da Cunha com a primeira representa-

ção, no Apolo, da célebre peça extraída

do romance de Emile Zola, «A Taberna»,

na qual o festejado vai interpretar pela pri-

meira vez o protagonista. A seu lado, no

primeiro papel feminino, a actriz Adelina

Abranches interpretará outro personagem do maior relevo.

Tudo se prepara no belo circo das

Artes de Santo António para que a matiné

que hoje, às 15 horas, ali se realiza as

mais grandiosas proporções. Espectáculo

em que tomam parte figuras, leões, cavalos,

macacos e cães, o seu interesse está asse-

gurado não só por esse facto como pelos

outros números que compõem o programa,

como Otago Bill, nos seus equilíbrios, Miss

Henriette no estranho trabalho A Bola

Misteriosa, a Troupa Zachini, cow-boys sel-

vagens e muitas outras novidades. Clowns,

acrobatas, equilibristas, jongleurs, domado-

res, dressers, faz-tudos—variedades, ale-

gría, assombro eis o que vai ser a matiné

desta tarde.

Há noite há espectáculo.

A bilheteira do Gimnásio estão afluindo

todos os dias numerosos pedidos de

marcação de lugares para os concertos sin-

fônicos que vão ali começar, a 13 do cor-

rente, sob a direcção do ilustre maestro

Fernandes Fão. Nesses concertos não deixa-

rá de reiniciar-se no novo teatro, a mais

selecta assistência, com a certeza anteci-

pa e absoluta de que irá assistir a es-

pectáculos requintadamente artísticos.

## Pessoal hospitalar

Pela Direcção Geral dos Hospitais Civis de Lisboa, foram abertos concursos para internos de 1.º e 2.º anos dos serviços ge-

rais de clínica médica e serviço de cirurgia de especialidades.

## GIMNÁSIO

N. de Albuquerque, o magnífico intérprete de um dos primorais papéis da «Guerra ao Vinho», agora em cena neste teatro, obteve um novo êxito no «Taylor» detalhado com a ironia elegante

que se alia a uma extrema sensibilidade.

## SOCIEDADES DE RECREIO

### Grémio Excursionista Civil do Monte

— Realiza hoje, na rua da Graca, 162, 1.º E., a sua reunião familiar com o

grupo bandolinista «Os Inocentes» e vários

amadores dramáticos. A sua primeira confe-

rencia é na próxima terça-feira, presidida

pelo dr. Magalhães Lima, sendo conferente

o dr. Alfredo Guizado, sob o tema «O

forno crematório, suas vantagens e fins».

### 11 Amigos do Intendente

— Realiza-se hoje, pelas 15 horas, na ruia Maria Pia, 10-A, 1.º, uma festa de solidariedade aos pobres

dos Anjos, sendo o seu produto, com mais

donativos angariados para esse fim, distri-

buídos pelos interessados no dia 25 do

corrente.

A festa de hoje constará de um certame

de fados por alguns dos mais conceituados

cultivadores e um baile, realizando-se um

concerto pelo grupo musical «Os Ben Educa-

cados».

### Concentração Musical 24 de Agosto

— Hoje, «matinée» dansante, e às 21 ho-

ras baile a dueto.

### Sociedade a Portugal

— Às 21 horas, récita seguida de baile dedicado à comis-

são administrativa.

### Único Chelense

— Às 17 horas, concerto pela banda e, às 20 horas, «soirée»

dansante.

## INSTRUÇÃO

### Comissão Escolar da Construção Civil

Esta comissão previne todos os alunos

que frequentam a aula diurna de que esta

reabre na segunda feira, em virtude da pro-

fessor a encontrar restabelecida.



# A BATALHA

Entre amanhã no seu 3.º ano de publicação o Suplemento Semanal  
de «A Batalha».



## CONTRA O VASILHAME DE TÓRNA-VIAGEM

Em Vila Nova de Gaia realizou-se um imponente comício dos tanoeiros em greve, tendo sido verberada a conivência das autoridades com os exportadores ingleses

PORTO, 5.—No teatro Cine-Parque de Vila Nova de Gaia, efectuou-se ontem um concorridíssimo comício promovido pela «A Libertadora» (Associação da Classe dos Operários Tanoeiros do Porto e Gaia).

Antes de principiar chegou-nos ao conhecimento que o chefe sr. Alberto figura a comunicação de que os oradores não deviam tocar nem com uma flor, na briosca guarda republicana, visto que, caso contrario, podia-se sofrer o desgosto da reunião ser dissolvida; possivelmente à pranchada, ou antes: à coronhada, senão a tiro. Paga por portugueses—o que não quer dizer que as vezes não tenha as suas prendas dos estrangeiros, para se colocar ostensivamente ao lado dos ingleses—a guarda pretoria da tem razão em não consentir que não digam quaisquer verdades amargas a seu respeito. E não foi para outra coisa que as forças de cavalaria e infantaria se embusaram durante o comício.

Ah! também nos disseram que se houvesse qualquer «chinfrin», poderia acarretar a voluntária demissão do sr. administrador—e isso sempre representava um enormíssimo prejuízo para o concelho de Gaia...

O comício presidiu Alberto Lopes de Sá, secretariado por Joaquim Domingos do Couto e Abílio Tavares.

Francisco de Sá, abrindo a ordem da inscrição dos oradores, dá amplas explicações acerca da reunião de militantes da indústria de tanaria que se realizou pelas 10 horas, como preparação para o comício. Compareceram uns 80 camaradas, representando quase todas as casas em greve. Discutindo-se sobre se a greve devia continuar intrinsecamente ou as circunstâncias aconselhavam a que ela fosse suspensa, foi deliberado, por 74 votos contra 5, a continuação da luta contra o *torna-viagem*.

Espera, portanto, que da consciência de toda a classe saia o melhor caminho a seguir, para que se não diga lá fora que este grandioso movimento é apenas vontade da sua comissão orientadora.

David de Oliveira, entre outras considerações, lamenta que a greve da indústria de tanaria não tenha sido, como deve ser, bem compreendida por toda a gente, e assegura que a crise que possa, devido ao sistema do «torna viagem», afectar no futuro aquela classe, há de, de certo modo, reflectir-se igualmente em muitas outras classes. Abordando-se aos variados «trucos» dos estabelecimentos pelos exportadores ingleses, explica que, elas agora até se têm servido de cascara que estava atrairada para a sacata, quase servindo apenas para o luxo daqueles operários que precisam de leitura.

Além do aproveitamento dessa cascara considerada antes inútil pelos próprios ingleses, tem informações seguras, prestadas até por algumas casas, de que se têm perdido várias exportações: as poucas que têm saído, não foram na sua totalidade, por falta do respectivo vasilhame. Por aqui se vê que os exportadores ingleses estão seriamente embaraçados. Por isso, depois dum veemente critica feita à atitude dos poderes constituidos que protege a pirataria inglesa em detrimento do trabalho nacional—aconselha a que todos empreguem mais um pouco de vitalidade, mas um pouco de sacrifício, porque a vitória, reconhecidamente até pelos próprios adversários, será certa.

António José de Barros declara que a luta é de vida ou de morte. Se após seis semanas de sacrifício estoico, este movimento sossobrasse desastradamente, isso equivaleria à classe cair irreversivelmente perdida, um profundo abismo. A greve, pois, deve prosseguir infransigentemente até que se consiga a absoluta certeza de que a obra virá do estrangeiro abatida. Se assim não for, dentro em pouco a grande maioria dos tanoeiros será dispensada. «O que não de depois fazer? Morrer de fome ou canto dum valeta?

Joaquim de Oliveira Rios diz que não se trata bem dum greve, mas sim dum significativo protesto contra o «torna-viagem». Ainda que amanhã a classe fosse retomar o trabalho sem uma condição segura, ninguém poderia acoimá-la de que perdera o movimento. Exorta os seus camaradas a que procedam com consciência, para que não culpem ninguém. Mas em sua opinião o protesto deve seguir até ao fim, a despeito de toda a miséria que vai avassalando os lares. Deve seguir até que a lei que já existe de outrora contra o «torna-viagem» seja de novo posta em vigor.

Arnaldo Pinto de Oliveira assegura que se a greve fosse verdadeiramente nacional, já a questão estaria há muito resolvida. Atribui ao facto dos camaradas de Lisboa estarem a trabalhar a demora do movimento. Estando próximos do Terreiro do Paço, se elas também estivessem com os serviços paralisados, afigura-se-lhe que o governo sempre olharia com mais atenção as justas reclamações dos tanoeiros. Assim, depois de comunicarem ao governo que a greve era nacional e não estando os camaradas de Lisboa em luta, ele não se preocupa com a greve, porque não sabe o que se passa no norte. Alude também à pouca assistência da Federação e da C. G. T., a pesar da classe estar federada e confederada.

Francisco de Sá, que volta a falar para prestar alguns esclarecimentos, rebate algumas considerações do orador antecedente pelo que a assistência é esclarecida de que o governo sabe perfeitamente de que o movimento não fôr votado nacional mas na região do norte, onde o «torna-viagem» é mais frequente.

Depois de declarar que a classe do sul dera o seu apoio moral à greve não fabricando vasilhame para exportadores do «torna-viagem», elucida de que se a C. G. T. bem como a Federação não têm dedicado aquela a assistência desejada pelo que se lhe antecedeu, a culpa é de toda a classe, porque ela ainda não recorreu, porque não quisesse ou porque não precisasse, para o auxílio daqueles organismos. Isto não quer dizer, porém, que o não possa vir a fazer, assim como apelar para a solidariedade das respetivas classes trabalhadoras.

## A greve dos corticeiros continua a afirmar-se pela admirável coesão dos grevistas

### Os comunicados da greve

De Belém, Póco do Bispo, Almada, Barreiro, Seixal, Aldeagale, Setúbal, Vendas Novas, Alhos Vedros, Castelo Branco, S. Tiago do Cacém, Sines, Odemira, Messines e Silves chegam-nos notícias bastante animadoras sobre a conduta da classe corticeira. A luta contra a pretensão dos industriais prossegue com o maior entusiasmo. Não é possível esmagar um movimento tão grandioso que se impõe pela energia, pela coesão e pela solidariedade dos grevistas. Não há defecções! Eis uma frase que todos os comunicados que recebemos repetem com insistência.

Em todas as notas recebidas verbera-se a atitude dos industriais e constata-se a inanidade dos seus esforços para conseguirem que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

As reuniões de grevistas que se têm efectuado afinal pelo mesmo diaضão. Em todas elas a continuação da greve até completa vitória é aprovada por unanimidade.

Constata-se que o entusiasmo não cresceu e a confiança na vitória não diminuiu, redobrou.

A classe corticeira está escrevendo na história das suas lutas contra o patronato da sua das suas mais belas e heroicas páginas. O triunfo é o único resultado lógico do esforço realizado pelos corticeiros em greve.

### Nota do comité da greve

Camaradas:—É amanhã um dia de esperanças para os industriais que esperam vê-los, acossados pela fome, irmos solicitar-lhes o favor de nos explorarem como escravos por um salário de miséria.

Também para o vosso comité o dia de amanhã é de esperanças. Sim, esperamos que todos os grevistas corticeiros saibam manter esta luta a linha de firmes que tanto nos tem encobrido.

O momento é solene: Os os corticeiros se enclamam numa queda miserável nesta luta e ficarão responsáveis pela fome que amanhã lhes invadirá os lares, ou os corticeiros se sacrificam o tempo que fôr necessário para vencer e bem merecem a admiração e solidariedade de todos os trabalhadores!

Enquanto que os industriais persistem numa atitude que nada justifica, visto que o custo da vida se agrava dia a dia, persistamos nós, também, na luta até que triunfe a razão que nos assiste.

Exortando-vos a que amanhã desprezeis como até hoje as fábricas, saídas com um

Viva a greve! Viva a solidariedade operária!

### O Comité

### Um comício de solidariedade em Aldeagale

Conforme noticiámos, realiza-se hoje em Aldeagale um comício de solidariedade para com os corticeiros em greve.

Neste comício que é promovido por uma comissão de operárias chachineiras e de trabalhadores da indústria de tanaria, a que todos os delegados e diretores e indiretos são indispensáveis!

**Donativos para os grevistas**

A comissão da Federação Corticeira para recolha de donativos para auxílio dos grevistas, recebeu até ontem as seguintes importâncias:

Caixa de Solidariedade Humana dos Ferrovários do Minho e Douro, por intermédio da Federação, 200\$00; Manuel Inês, 5\$00; Eugénio Pinto, 10\$00; Mobilários da Casa Vitor Knotz, 10\$50; João Miranda, 2\$50; Carlos Ferrer Carvalho, 15\$00; Francisco Miguel Ferreira, 5\$00; Manuel Chaves, 10\$00; obra do Banco Nacional Ultramarino (quente), 110\$00; Metalúrgicos da Casa Vicente Joaquim Esteves Costa, 32\$40; António Avelino Poeta, 5\$00. Um grupo de ferrovários das oficinas da C. P., 25\$00; Tipografia Severo, Octávio, Freitas & Cia., 12\$00; Augusto Fernandes (pintor), 20\$00; Eduardo Raúl da Costa, 25\$00; Manuel Teixeira de Azevedo, 2\$50; N. N., 1\$00; Francisco, 5\$00; Quete aberta na Sapataria Conventual, 51\$50.—Total: 524\$90.

Por iniciativa do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, foi aberto no Barreiro uma quete para auxílio dos grevistas corticeiros naquela localidade, a qual rendeu 1.509\$95.

**Sindicato dos Operários Municipais**

Realiza-se na próxima quarta-feira, às 20 horas, uma sessão de protesto contra as deportações e demais arbitriações dos poderes constituidos, no Sindicato dos Operários Municipais, travessa da Água de Fiel, 16, L.

Faro uso da palavra representantes da C. G. T., C. S. T., comissão pró-regresso dos deportados e J. S.

**Segundo informações autorizadas dos espanhóis refugiados em França. Restituto Mogrovejo, que há cerca de dois anos se encontra em Lisboa, é indivíduo contra quem todas as organizações se devem prever.**

Tendo arrancado aos ditos refugiados várias quantias, alegando que se destinavam à propaganda, gastou-as em proveito próprio.

Para conseguir obter essas quantias constituiu-se num pseudo comité e adquiriu um carimbo que lhe servia para autenticar as burlas que cometia.

**SOLIDARIEDADE**

### Pro-Artur da Costa

E' hoje, pelas 15 horas, que se realiza no Salão Académico Almadense a festa de homenagem a Artur da Costa (Vinhetas) que devia ter lugar no dia 8 do mês passado. O programa consta de variações à guitarra por Lomelino Gil e viola António Basílio, canções de António Nobre, António Lado, Júlio Proença, Raúl Bringela, José Leote, com versos jocosos, Adriano Dávila, Rogério Silva, etc., etc.

## CRISE DE TRABALHO

### Manufactores de Calçado

Reuniu, novamente, a comissão de resistência contra a baixa de salários, tendo apreciado a ação desenvolvida junto de três operários da casa Alvarinho que se encontravam traídos os seus camaradas de oficina; que se encontram em luta, por não se sujeitarem a trabalhar por preço inferior à tabela do Sindicato, como era desejo do industrial Alvarinho, que, a despeito dos prejuízos resultantes da paralisação da sua oficina, continua a não querer solucionar o conflito.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convoca todos os que a classe regresse ao trabalho, humilhada e vencida.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.